

1995). São Cristovão: UFS, 2010.

PUTNAM, R.D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SERGIPE. **Secretaria de Estado da Educação**. 2011. Disponível em: <[http://portais.seed.se.gov.br/sistemas/portal/arquivos/p31121\\_JP%202011%20REGULAMENTO-final.pdf](http://portais.seed.se.gov.br/sistemas/portal/arquivos/p31121_JP%202011%20REGULAMENTO-final.pdf)> Acesso em: 30 de julho 2012.

TUBINO, M. **Esporte na Escola**: Os XVIII Jogos Escolares Brasileiros como marco reflexivo. Brasília: MEC/SEED, 1989.

VERONEZ, L.F.C. **Quando o Estado joga a favor do privado**: as políticas de esporte após a Constituição de 1988. 2005. 386 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

## A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO<sup>1</sup>

Russel Petresson Bezerra Oliveira  
Cristiano Mezzaroba

### INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos têm sido discutido se a Educação Física (EF) tem realmente importância no âmbito escolar, o que a legitima na escola, se ela é uma ciência ou não, qual o seu objeto de estudos (VAGO, 1997; CASTELLANI FILHO, 1998; DARIDO, 1999; KUNZ, 2002; BRACHT, 2003; BETTI, 2005; BRACHT e GONZÁLEZ, 2005). Com a aprovação da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), Lei nº 9.394, de 20/12/1996 a EF passou a ser normatizada e legalizada, sendo contemplada no artigo 26, § 3º, onde consta que “a educação física é um componente curricular obrigatório da Educação Básica, e deve ser integrada à proposta pedagógica da escola e ajustar-se às faixas e às condições da população escolar, sendo facultativo nos cursos noturnos”.

Para Coll (1987) um componente curricular deve apresentar um complexo de conhecimentos organizados e adequados à aprendizagem, sempre orientados pelos objetivos gerais da área. Na EF percebemos que esse fato não ocorre. Uma possível justificativa é o fato de as aulas ainda serem ministradas com um caráter esportivista e muitas vezes com a utilização de somente um único esporte durante todo o ano letivo em todas as séries, não demonstrando a sua importância e eficiência no contexto escolar, por não existir uma organização de seus conteúdos, ou, a dificuldade que temos em pensar nossa especificidade pedagógica dentro da EF escolar: alguns acham que é saúde, outros que é esporte, outros recreação, poucos educação, alguns outros pensam que é algo chamado “formação humana” etc.

---

<sup>1</sup> Este texto é uma síntese da monografia de conclusão do curso de Educação Física Licenciatura, realizado na Universidade Federal de Sergipe.

A falta de clareza por parte dos professores de EF no que se refere ao “o quê” ensinar não é visto, na maioria das vezes, em outras disciplinas, por estas já terem um saber sistematizado que se reflete, concretamente e materialmente, nos Livros Didáticos (LD) das várias disciplinas escolares, material alvo de muitas críticas por parte de estudiosos e pesquisadores.

Com a LDB nº 9.394/96 a EF passou a ser componente curricular obrigatório, mas não se organizou com uma disciplina para estar dentro da escola. Historicamente a disciplina construiu um saber a ser ensinado, a partir das matrizes epistemológicas positivista, e pelo viés das ciências naturais, sobretudo pela dimensão biológica, todavia não organizou esses conteúdos<sup>2</sup>. Todo esse arcabouço reflete nos dias de hoje. Professores que estão nas escolas sem saber ao certo o que deve ser ensinado, para quem deve ser ensinado.

A maioria das disciplinas curriculares obrigatórias utiliza o LD como recurso pedagógico que auxilia no processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar, dependendo, todavia, da existência, escolha e utilização adequada. O componente curricular EF, como componente integrante da escola, geralmente é ministrado sem o auxílio do LD ou de algum documento com conteúdos organizados, o que faz com que as aulas aconteçam com métodos, conteúdos e pedagogias que deixam muito a desejar no sentido de uma sistematização rigorosa e adequada ao ensino escolar.

Pensando no contexto estadual, vemos que em Sergipe ainda não se faz a utilização do LD na prática pedagógica de EF. A partir desse pressuposto e levando em consideração a produção teórica acerca do LD (NOSELLA, 1981; FARIA, 1994; LAJOLO, 1996;) levantamos como problemática a ser desenvolvida neste estudo: ***Quais sentidos e significados são atribuídos ao Livro Didático de Educação Física pelo professor do ensino médio?***

O objetivo deste trabalho, então, foi investigar e analisar

os sentidos e significados que o professor atribui à utilização do LD, como também analisar de que forma o livro será utilizado por esse professor e investigar quais os pontos positivos e negativos na sua utilização.

Com este estudo estaremos penetrando em uma discussão muito abordada nas outras áreas de ensino, mas que ainda está sendo gerada na EF por pesquisadores como Ângela Palma (2008), que é o LD. No que se refere a monografias sobre essa temática no Departamento de Educação Física, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), não existe nenhuma produção nessa área, no período de 2004 a 2010, segundo a monografia de Ribeiro (2011).

## MATERIAL E LIVRO DIDÁTICO

Apesar do avanço tecnológico e da infinidade de recursos possíveis de serem utilizados em sala de aula como forma de facilitar o aprendizado de um determinado conteúdo, o material impresso ainda tem forte influência nesse processo e ainda está muito presente nas salas de aula, em especial o LD, que embora seja um objeto bastante familiar e de fácil identificação, existe uma complexidade ao se tentar defini-lo, pois não se refere apenas a um amontoado de páginas com textos, gravuras e sugestões de atividades. Alguns autores o resumem como sendo um instrumento que contém um saber sistematizado e que contribui enriquecendo e dinamizando a prática pedagógica. Para Lajolo (1996, p.5):

Dentre a variedade de livros existentes, todos podem ter – e efetivamente têm – papel importante na escola. Didático, então, é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática.

Por já fazer parte integrante da escola, o LD ostenta alguns valores, positivos e negativos por parte de alguns estudiosos e

<sup>2</sup> Jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas e dança, lutas/artes marciais, práticas alternativas (BETTI, 2005).

professores (NOSELLA, 1981; FARIA, 1984; LAJOLO, 1996; NEVES, 2002; ANGULSKI *et al*, 2008).

Atualmente o LD é entendido como “instrumento que está inserido num espaço interacional constituído por inúmeras vozes que refletem interesses das diferentes dimensões sociais, políticas e econômicas de um período histórico determinado.” (ANGULSKI *et al*, 2008, p.498). É um documento que deve ser decifrado, comentado e criticado, pelos docentes para poder auxiliar suas intervenções.

Assim o Livro, entendido como um ato de fala impresso, constitui um elemento da comunicação verbal. Portanto, não deve ser apropriado de forma passiva, sem criticidade [...] mas sim como um instrumento didático que contribui para reflexão e dinamização da práxis pedagógica. (ANGULSKI *et al*, 2008, p.498).

Segundo Lajolo (1996), o LD assume certa importância dentro da prática de ensino brasileira nestes últimos anos, isso é notável, principalmente em países como o Brasil, onde “a precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina”.

Em algumas escolas o LD tem sido o “carro-chefe” da maioria dos professores estabelecendo relações de mediação que infelizmente são assumidas por estes de forma reducionista e simplista, acabando por ditar regras e verdades no processo educativo.

Para Nosella (1981) e Faria (1984) o LD é um dos veículos utilizados pela escola para a transmissão da ideologia burguesa. O livro através dos seus textos, estórias, capas e ilustrações, trazem uma visão totalmente banal e imbuída de preconceitos, que muitas das vezes são absorvidos pelos alunos.

A classe social dominante, para garantir sua hegemonia na sociedade capitalista, utiliza-se dos aparelhos

ideológicos do Estado, sendo que o aparelho escolar assume a posição dominante no conjunto destes aparelhos ideológicos, devido à sua eficácia na inculcação da ideologia dominante. (NOSELLA, 1981, p.29)

O livro didático atua como difusor de preconceitos. O índio é visto como ‘selvagem’, desconhecendo o ‘progresso’, ‘nu e enfeitado com cocares’; a mulher é valorizada enquanto mãe, doméstica, ou bordadeira, costureira, babá. Igualmente o caboclo brasileiro é desvalorizado, qualificado de ‘caipira’ pejorativamente. (FARIA, 1994, p.6)

Apesar de o LD conter diversos problemas como confusão de critérios, invenção de regras, sobrecarga de teorização, artificialidade de exemplos, dentre outros, segundo Neves (2002), não podemos caracterizá-lo como único responsável. Para a autora, o professor espera do LD o saber que ele não sabe; transfere responsabilidades que até então são suas, porque o LD não serve como professor e os alunos não aprendem por si só; substitui sua falta de conhecimento atribuindo ao autor do livro o saber e, com o LD, o professor economiza tempo no preparo das aulas, pois, na maioria dos casos, os professores são sobrecarregados de horas/aula.

Para Lajolo (1996), não há livro que seja à prova de professor: o pior livro pode ficar bom na sala de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor. Pois o melhor livro é apenas um livro, instrumento auxiliar da aprendizagem. Vai caber ao professor realizar a mediação didática prática, fazer um uso crítico desse documento, decifrá-lo e comentá-lo, não permitindo que ele se torne uma regra de fé e prática, lei ou verdade absoluta. Para Saviani (1985, p.77):

A metodologia, isto é, o instrumento utilizado na e para a educação é essencial no processo pedagógico, mas ele por si só não se garante e nem garante uma alteração qualitativa da compreensão da prática social. É necessário que os agentes sociais, responsáveis pela

mediação da ação pedagógica, sejam agentes sociais ativos, uma vez que eles também são elementos objetivos da prática social.

Independente do material que esteja sendo usado como facilitador no processo de ensino-aprendizagem, seja impresso ou audiovisual caberá ao professor selecionar os conteúdos, as matérias jornalísticas, os vídeos, os exercícios, etc. que serão utilizados em sala aula. O professor tem o seu papel de mediador insubstituível dentro do processo de ensino-aprendizagem e esse deve fazer uso das diversas ferramentas que estão a sua volta, de forma que o aluno seja o maior beneficiado nesse processo.

## **A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO**

Esse estudo pretendeu analisar quais possíveis sentidos e significados podem ser dados a partir da utilização do LD nas aulas de EF. Para tal, foi realizado um estudo de caso qualitativo, em que se observou duas unidades didáticas de determinado professor, a primeira sem a utilização do LD e a segunda com a utilização do LD. Durante a pesquisa foram utilizados como recurso para coleta de dados a observação direta, diário de campo, entrevistas semi-dirigidas, registro de conversas informais, documentos de qualquer espécie (Projeto Político Pedagógico e Plano de Ensino do professor).

Para facilitar o entendimento do estudo este capítulo está dividido da seguinte maneira:

- a) Descrevendo o Colégio Estadual Leandro Maciel
- b) Plano de Ensino do professor
- c) Os sujeitos da pesquisa
- d) A Educação Física sem a utilização do LD
- e) A Educação Física com a utilização do LD

### **Descrevendo o Colégio Leandro Maciel**

A escolha da escola foi intencional, pela facilidade de loco-

moção do pesquisador até o local e por ser uma escola de médio porte que oferece o Ensino Médio, fase do ensino básico abordado na pesquisa.

O Colégio Estadual Leandro Maciel, pertence à rede estadual de ensino jurisdicional à Diretoria Regional de Educação – DER 04 – está situado na Praça Policarpo Diniz de Resende, região central do município de Rosário do Catete no estado de Sergipe.

No que diz respeito à Educação Física, a escola dispõe de materiais e espaços que facilitam e ampliam a prática dos professores, como uma quadra coberta e poliesportiva, bolas de futebol, futsal, basquete, vôlei, handebol, cordas, cones, bambolês e fitas, rede de vôlei, redes para duas goleiras de futsal, sendo que todos esses materiais se encontram em um bom estado para uso.

A quadra, além de ser coberta, é cercada por redes, que não permitem que a bola saia do espaço, o piso de cimento queimado está em boas condições, sem buracos e a quadra dispõe ainda de duas traves de futsal, dois aros de basquete móveis e dois postes para montar a rede de vôlei.

No que se refere ao Projeto Político Pedagógico (PPP), o Coletivo de Autores (1992, p.15) define-o como uma ação deliberada, uma intenção, estratégia. “É político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações”.

Analisando o documento, nota-se que a escola se preocupa com a formação de um sujeito crítico e participativo, através da relação da escola com a sociedade ou o meio em que eles então inseridos, integrando, por meio da troca de experiência com a família e a comunidade, novos conceitos e olhares sobre o conhecimento que está sendo construído dentro da escola.

As áreas do conhecimento que compõem a estrutura curricular são: Português; Matemática; Geografia; História; Ciências (Física, Química, Biologia); Educação Artística; Educação Física; Sociedade e Cultura; Inglês; Redação; Religião; Filosofia; Sociologia e Cultura Sergipana.

Das disciplinas citadas acima somente Português, Matemática, Geografia, História, Ciências, Educação Artística e Educação Física, aparecem com uma definição ou objetivo, as demais surgem em um único tópico antecedidas da frase “compõe ainda a estrutura curricular...”. Desta forma percebe-se que a EF já não é vista como uma atividade recreativa dentro da escola, mas que tem um conhecimento importante para a formação dos sujeitos.

Retomando o pensamento de Melo (2006) e o de Saviani (1994) o fator para que a EF seja valorizada e consolidada, passando a fazer parte das atividades nucleares da escola, depende da ação do professor e da sua participação na construção do PPP, fazendo com que a EF seja considerada componente curricular pela equipe pedagógica.

No PPP a EF aparece com a definição ou objetivo de “conhecer, valorizar e respeitar a pluralidade de manifestações da cultura corporal do Brasil e do mundo, reconhecendo e respeitando as características físicas e individuais”. Segundo Santos *et al* (2009) a EF muitas vezes é excluída do PPP da escola.

Pela definição de EF encontrada no PPP, vemos que a disciplina, ao menos teoricamente, já é percebida com uma disciplina que tem um conhecimento a ser transmitido e que esse conhecimento contribui para a formação dos educandos, resultado este da contribuição e participação do professor de EF nos assuntos relevantes da escola.

Desta forma analisamos que a EF no Colégio Leandro Maciel não está à margem do processo, nem é notada como um complemento curricular. A partir do posicionamento do professor, participando da construção dos projetos pedagógicos e das reuniões, como colocado pelo Professor X, a disciplina e o próprio profissional passam a ser valorizados pela escola (como vimos na citação do Aluno A).

## Plano de Ensino do Professor

Outro fator importante para a valorização da EF na escola

é o Plano de ensino do professor. É nele que estão postos os elementos didático-pedagógicos (como o conteúdo que o docente transmitirá aos alunos durante o ano ou o semestre).

Santos *et al* (2009) apontam como um dos fatores para que a disciplina seja marginalizada e discriminada a falta de organização dos seus conteúdos por parte dos professores. A partir do planejamento, a escola notará que a disciplina não é ministrada de forma desordenada, mas possui um conjunto de conhecimentos organizados que direcionam a sua prática pedagógica, fazendo com que a disciplina se firme como componente curricular, bem como afirma Coll (1987).

Segundo o Professor X, a escola não cobra planos de aula, nem planos de unidade e, quando solicita é apenas o Plano de Ensino. O professor ainda afirma que nesse ponto ele faz questão de apresentar o planejamento para que a escola veja que a disciplina não é levada “nas coxas<sup>3</sup>” e cobra dos alunos seriedade frente à aula e aos conteúdos.

No Plano de Ensino é colocado como um subcapítulo da Metodologia, as abordagens que direcionam o seu planejamento, são elas a “Crítico-superadora” (COLETIVO DE AUTORES, 1992) e a “Atividade física para promoção da saúde” (GUEDES, D.P. & GUEDES J.E.R.P, 1993).

Ao analisar os conteúdos propostos para o Ensino Médio, nota-se que a abordagem “Atividade física para promoção da saúde” se sobressai sobre a Crítico-superadora. O professor, talvez pela sua formação em licenciatura plena num período em que a discussão da atividade física e saúde “era” muito forte, debruça-se de forma mais ampla no viés da EF e saúde, assumindo uma postura mais biológica.

Segundo Coll (1987), Santos *et al* (2009) e Tani (1991), um dos aspectos mais problemáticos da EF está na sua falta de clareza, por parte dos professores, quanto ao conjunto de conhecimentos que devem ser ensinados, acabando por reproduzirem

---

<sup>3</sup> Conotação de algo malfeito, incompleto, realizado às pressas, daí, quando uma ação poderia ser melhor e mais caprichosamente elaborada, diz-se que ela foi feita ‘nas coxas’.

aquilo que tiveram mais contato ou que têm mais experiência em sua vida cotidiana.

Fazendo uma análise geral percebe-se que o professor utiliza como conteúdo o *Esporte* juntamente com o tema *Saúde* em todo o seu planejamento e por muitas vezes o tema Saúde se apresenta como conteúdo da EF e não como um tema transversal como colocado pelos PCNS. Este fato mostra a falta de clareza dos professores de EF sobre o que deve ser ensinado, fruto de uma crise acadêmico-conceitual, como colocado por Santos *et al* (2009), o que causa uma repetição de conteúdos e a desvalorização da disciplina por parte dos alunos.

### **Os sujeitos da pesquisa**

Chamamos aqui de sujeitos da pesquisa o professor e os alunos e/ou a turma que participaram desta investigação.

Como afirma Meksenas (2002) e Lüdke & André (1986), a pesquisa de estudo de caso estuda e aprende sobre um determinado acontecimento, escola e indivíduo. Por esse motivo, o sujeito principal da nossa pesquisa foi um dos professores de EF da grade de professores do Colégio Leandro Maciel. Chamado aqui de “Professor X”.

O Professor X é formado em Educação Física Licenciatura Plena pela UFS (Universidade Federal de Sergipe) no ano de 2006 e tem formação em Pedagogia pela UFS desde 1997. Leciona no colégio há 15 anos, mas como professor de Educação Física desde o ano de 2002. O docente ministra aulas em seis turmas do Ensino Médio e EJA e também é professor da rede municipal de Carmópolis – SE, onde atua com dez turmas do Ensino Fundamental no período da tarde. Rosário fica a 15 km de Carmópolis e o professor faz uso de seu carro para fazer esse trajeto diariamente.

Em relação às turmas, a escolha também foi intencional. O Professor X só dispunha das turmas do 1<sup>a</sup> ano e do 3<sup>o</sup> ano do Ensino Médio no período matutino. Como a pesquisa seria realizada na última unidade didática do ano de 2011 e na primeira do ano

de 2012, optamos pela turma de 1<sup>o</sup> ano do Ensino Médio, pois os alunos, ou a maioria deles, poderiam vivenciar os dois momentos da pesquisa, sem e com o LD.

### **A Educação Física sem a utilização do Livro Didático**

A pesquisa de campo iniciou com a observação das aulas do Professor X sem a utilização do LD, na última unidade do ano de 2011, na turma do 1<sup>o</sup> ano do Ensino Médio.

A turma do primeiro ano, contava com um total de 30 alunos, na faixa etária entre 15 a 18 anos. Nas primeiras aproximações com os alunos, com a escola e o professor, a partir das conversas informais, das observações e das entrevistas foi possível notar algumas questões-chave para a nossa pesquisa.

Segundo o Professor X, no Ensino Médio não devem ser passados somente conteúdos esportivos e sim “informações”, ou seja, os alunos devem pensar e refletir sobre o conteúdo, não somente vivenciar a prática. A partir desse argumento, percebe-se que o docente se afasta, ao menos teoricamente, do modelo tradicional de EF e se preocupa em complementar e transmitir os conteúdos a partir das dimensões atitudinal e conceitual, dando assim sentido e significado a suas aulas e garantindo uma aprendizagem efetiva, como afirma Darido (2004) e Santos *et al* (2009).

Todavia, ao conversar com os discentes, alguns argumentam que poucas vezes o professor leva-os a quadra, o que deixa as aulas “chatas” e quando leva é porque os alunos insistem muito. Ainda nesse sentido alguns responderam que ele (o Professor X) sempre “dá um sermão” antes, dizendo que “se ao chegar na quadra e um único aluno ficar sem participar das atividades, todos voltam para a sala e não os leva nunca mais”. O fato de o Professor X tentar transmitir o conteúdo de forma mais ampla é um grande avanço para a disciplina, mostrando que a disciplina tem conteúdos que devem ser pensados, analisados e discutidos, no entanto essa ruptura não deve acontecer de forma tão drástica, sem levar em consideração que desta forma se abandona a dimensão procedimental e como já vimos com Darido (2004) e Coll

et al (2000), é preciso um “casamento” entre o “o que fazer”, “o saber fazer” e o “por que fazer” para que a aprendizagem realmente aconteça de forma significativa.

Na última unidade didática o professor abordou o conteúdo “Atividade Física e o uso das drogas”. Segundo o Plano de Ensino do docente, na unidade seriam debatidos os temas “Anabolizantes”, “Álcool”, “Fumo” e “Outras drogas”.

Durante a observação atina-se que o Professor X tem o interesse de relacionar o que está sendo debatido em sala de aula com a realidade do aluno. Segundo ele as drogas “têm invadido a cidade de Rosário do Catete e vêm destruindo a vida de muitos jovens” e por esse motivo era importante falar sobre ela na escola e nas aulas de EF.

Todavia, na observação das aulas o tema *Drogas* é colocado como o conteúdo das aulas e não somente como um assunto a ser tratado. Já no primeiro dia, quando o professor apresenta o conteúdo da unidade, ele pede aos alunos que façam uma pesquisa sobre as drogas lícitas e ilícitas para ser entregue na aula seguinte e justifica a ligação com a EF argumentando que “como a Educação Física trata muito a questão do cuidado com o corpo e as drogas prejudicam o nosso corpo não só fisicamente como psicologicamente, é necessário e interessante o estudo das drogas na educação Física” ou dizendo que o “esporte ajuda na prevenção às drogas”.

É notória e importante a inquietação do professor em discutir um tema que está fazendo parte do cotidiano dos alunos, no entanto essa discussão deveria ser gerada em toda a escola como um projeto interdisciplinar, não só nas aulas de EF. Observa-se também que o professor traz em seu bojo um discurso muito forte da EF como sinônimo de saúde e da EF salvacionista, devendo talvez a sua formação acadêmica. Esse fato mostra também a falta de clareza do professor sobre o que deve ser ensinado nas aulas de EF, sendo esta desenvolvida com base nos modelos tradicionais que engloba modalidades esportivas e aptidão física como afirma Tani (1991).

## A Educação Física com a utilização do Livro Didático

Nesta segunda parte da pesquisa foi utilizado o Livro Didático Público de Educação Física (LDPEF) do Estado do Paraná como material de apoio para as aulas de EF. A observação aconteceu na primeira unidade didática do ano de 2012, em uma turma do 2º ano do Ensino Médio, no período noturno e tinha cerca de 30 alunos matriculados.

Para dar início à unidade, o professor utilizou o conteúdo estruturante Esporte encontrado no LDPEF, que por “acaso” também é a primeira unidade do livro. Em uma conversa realizada com o professor, este colocou que procurou um conteúdo que tivesse uma ligação maior com a *Saúde*, mas que por não ter encontrado, escolheu o conteúdo Esporte, pois se aproximava mais do que ele havia pensado no Plano de Ensino para o ano letivo.

Já nessa primeira análise percebe-se que o professor não examinou muito bem o LDPEF, talvez pela disponibilidade de tempo, por estar ministrando aulas em muitas turmas e/ou por não nunca ter tido contato com um material dessa natureza. A temática *Saúde* pode ser encontrada junto ao conteúdo estruturante “Ginástica” da página 90 à página 141.

Quando perguntado sobre que avaliação ele fazia dos conteúdos dispostos no LD, o docente respondeu que:

Estão de acordo com o Projeto político pedagógico da escola que prioriza em sua essência os temas que integram a cultura corporal. Apresenta uma linguagem atualizada e ilustrada para os jovens, com atividades que estimula o senso crítico do aluno. Todavia, deveria apresentar nos conteúdos aspectos mais diretamente relacionados com a ‘atividade física e saúde, orientação e prevenção’, já que se trata de um livro voltado para uma clientela mais cognitivamente madura, o Ensino Médio.

A partir desse argumento é visível o choque entre duas concepções pedagógicas totalmente distintas, a *crítico-superado-*

ra, encontrada no LDPEF, e a *atividade física para promoção da saúde*, utilizada pelo professor, que apesar de colocar em seu Plano de Ensino que também faz uso da abordagem crítico-superadora, pouco a utiliza.

Em sua primeira aula com a utilização do LD o docente explicou aos alunos, como seria a unidade didática e falou sobre o Esporte e as diversas formas de “ver Esporte e de pensar Esporte”. A partir desses apontamentos o professor fez algumas indagações aos alunos e pediu para que xerocassem a introdução do capítulo, lessem em casa e fizessem um pequeno questionário já respondido, pois seria discutido na aula consequente.

Nas aulas seguintes, o Professor X, a partir dos questionamentos feitos pelos alunos, pedia a opinião dos discentes sobre a questão que eles haviam levantado e explicava com um pouco mais de propriedade, mas sem adentrar muito nos temas e discussões que o LD trazia nos subcapítulos que sucederiam a introdução.

Observa-se que o professor teve dificuldades em utilizar o LDPEF, ficando apenas num discurso superficial e não explorando o máximo que o livro tinha a oferecer, talvez por nunca ter tido contato com um LD de EF e pelo fato do livro trazer questionamentos diferentes ou distantes dos utilizados em sua prática pedagógica.

Apesar de o professor não penetrar no conteúdo, a metodologia usada pelo professor de perguntas e respostas durante a aula, agregadas as temáticas trazidas no LDPEF que os alunos pouco conheciam, como as relações políticas, econômicas e sociais do esporte e a relação do esporte com a mídia, fez com que os discentes participassem mais ativamente da aula, perguntando ao professor e dialogando com os próprios colegas. Ao ser questionado sobre o andamento das aulas e a participação dos alunos com a utilização do LD, o professor respondeu:

A princípio ganhamos mais tempo por não precisarmos escrever o conteúdo no quadro. As aulas ficaram interessantes devido à linguagem menos técnica do conteúdo e pela forma sequenciada em que fora apre-

sentada. Além disso, com as sugestões de atividades os alunos foram direcionados ao debate e consequentemente a enxergar o conteúdo de um ponto de vista mais crítico. Significativamente, uma vez que as atividades propostas valorizam o debate e a pesquisa.

Esse fato mostra o quão a EF está necessitada de abordar outros conteúdos e temáticas e em suas aulas, se afastando da linha tradicional em que só se vivencia os conteúdos Esporte e Ginástica, pois além de enriquecer a prática pedagógica, estimula o interesse dos alunos facilitando o aprendizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades e das diversas críticas quanto à utilização do LD, acreditamos que este tem mais a contribuir que atrapalhar no processo de ensino aprendizagem, mas claro, esse fato dependerá da forma como o livro será utilizado pelos professores e da forma como esses professores foram formados. Reiterando a fala de Lajolo (1996), o LD é somente mais um material didático quem fará dele “vilão” ou “mocinho” é o docente, aquele que ensina, aprende, faz mediações, está em total contato com o aluno.

O professor ao utilizar o LD deve valer-se de sua autonomia – “poder escolher e construir sua prática pedagógica e não apenas aplicar algo elaborado pelos outros” (CAPARROZ; BRACHT, 2007) - para selecionar partes do livro que melhor facilitarão no processo de ensino-aprendizagem, não o utilizando como uma “apostila” ou “receita de bolo” que “manda” ele fazer isso ou aquilo.

Percebe-se que quando se utiliza um material como o LD, o professor tende a coloca-lo em um lugar de destaque, todavia o motivo desse fato não é do LD, mas pela possível má formação do educador e no caso da EF, por não haver o hábito de utilizar uma obra organizada e sistematizada, acaba da mesma forma, privilegiando o LD.

É indispensável afirmar que a temática debatida neste



texto é de suma importância para a EF e não é nosso objetivo concluí-la nesse debate, mas pretendemos abrir portas para que outras pesquisas, conclusões e opiniões sejam dadas com o intuito de melhorar a cada dia a prática pedagógica dos professores de Educação Física em busca da tão sonhada legitimidade da área no âmbito escolar.

## REFERÊNCIAS

ANGULSKI, C.M. Apropriação/resignificação ou negação do conhecimento nas aulas de Educação Física. *In*: Congresso Sul-brasileiro de Ciências do Esporte: **Anais...** nov. 2008; UFPR. Curitiba: Dtpen; 2008. p. 495-503. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/CSBCE/IVCSBCE/paper/view/104/297>> Acesso em: 20 junho. 2010.

BETTI, M. (org.). **Educação Física e mídia**: novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2005.

BRACHT, V. *et al.* **Pesquisa em ação**: educação física na escola. Ijuí: Unijuí, 2003.

BRACHT, V.; GONZÁLEZ, F.J. Educação Física Escolar. *In*: GONZÁLES, F.J.; FENSTERSEIFER, P.E. (Orgs.) **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

CAPARROZ, F.; BRACHT, V. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v.28, n.2, p. 21-37, jan. 2007.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COLL, C. **Psicologia e currículo**. São Paulo. Summus, 1987.

COLL, C. *et al.* **Os conteúdos da reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DARIDO, S.C. **Educação Física na Escola**: questões e reflexões. Araras: Topázio, 1999.

\_\_\_\_\_. **Educação Física Escolar**: o conteúdo e suas dimensões. *Pedagogia Cidadã, Cadernos de Formação - Educação Física*, São Paulo, UNESP, p. 59-70, 2004.

FARIA, A.L. G. de. **Ideologia no livro didático**. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 1994. (coleção questões da nossa época: v. 37)

GUEDES, D.P.; GUEDES, J.E.R.P. **Subsídios para implementação de programas direcionados à promoção da saúde através da Educação Física escolar**. APEF, Londrina, v.8, n.15,1993, p.3-11.

KUNZ, E. (org.). **Didática da educação física**. Vol. 2. Ijuí: Unijuí, 2002.

LAJOLO, M. **Livros didáticos**: um (quase) manual de usuário. *In*: *Em Aberto*, n. 69, ano 16, 1996.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEKSENAS, P. **Pesquisa social e ação pedagógica**: conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2002.

MELO, J.P. Perspectivas da Educação Física Escolar: reflexão sobre a Educação Física como componente curricular. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 20, p. 188-90, set. 2006.

NEVES, M.H. de M. **A gramática história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Unesp, 2002.

NOSELLA, M. de L.C.D. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. 3. Ed. São Paulo: Moraes, 1981. (Coleção educação universitária).

PALMA, Â.P.T.V. *et al.* **Educação física e a organização curricular**: educação infantil e ensino fundamental – Londrina: EDUEL, 2008. 158p.

RIBEIRO, T.E.S. **A Educação Física e a formação profissional no século XXI**: concepções de formação de professores de Educação Física expressa na produção monográfica no DEF/UFS (2004-2010). 111p. (Monografia – Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Educação Física). São Cristóvão/SE, 2011.

SANTOS, L.A.M. *et al.* **Programa de Ementas e Conteúdos para a Educação Básica**: Componente Curricular Educação Física – Universidade Federal de Sergipe, 2009.

SAVIANI, D.. **Escola e Democracia**. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 1985.

SAVIANI, N. **Saber escolar, currículo e didática**: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. Campinas: Autores Associados, 1994.

TANI, G. *et al.* **Educação Física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

VAGO, T.M. Rumos da Educação Física Escolar: o que foi, o que é, o que poderia ser. **Anais do II Encontro Fluminense de Educação Física Escolar**. Niterói: UFF, 1997.

## O VIRTUAL E O CORPORAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

Ricardo Rocha Rabelo  
Keyne Ribeiro Gomes

### INTRODUÇÃO

O mundo hodierno está configurado pela produção em larga escala dos meios de comunicação. Santaella (1996) referiu-se ao nascimento de uma nova cultura, à cultura das mídias, para caracterizar este novo contexto povoado pelos mais diversos tipos midiáticos. A saber: jornal, revista, rádio, *outdoor*, CD-ROM, DVD, *blu-ray*, televisão (aberta e por assinatura), *internet*. Cada uma a seu modo, as mídias constituem-se em um tipo de linguagem que utiliza palavras, sons e imagens; e transmitem informações que influenciam ou até mesmo determinam as formas de interpretar, sentir e agir das pessoas.

Betti (2001) nos alerta sobre a persuasão que têm sobre nós muitas das informações passadas por essas mídias sob a forma do puro entretenimento e do espetáculo, cujas preocupações educativas formais, definitivamente, não são o foco e sim as cifras milionárias que advêm do mosaico formado pelas seduções tecnológicas. No que diz respeito à possibilidade de se tratar a temática pedagogicamente, chega-se mesmo a indagar se tais mídias seriam aliadas ou inimigas da Educação Física escolar, do ponto de vista do ensino-aprendizagem.

Sob essa ótica, este artigo tem como objetivo evidenciar algumas produções acadêmicas que vislumbram possibilidades pedagógicas nas aulas de Educação Física no que tange às relações estabelecidas pelos alunos entre o virtual e o corporal, tomando como base os usos que fazem das mídias. A produção acadêmica, ainda incipiente, mas nem por isto pouco significativa; em face da magnitude exploratória que pode circundar a temática, justifica a tentativa de compartilhar tais produções e assim convidar para o debate professores, pesquisadores e acadêmicos que